

# **Ano da Fé: o tesouro de Bento XVI**

Year of the Faith: the treasure of Benedict XVI

Pedro Pereira Borges<sup>1</sup>

Rafael Sousa<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e Professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco.

E-mail: pobjari@ucdb.br

<sup>2</sup> Bacharel em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

E-mail: rafaelsousa014@hotmail.com

## RESUMO      **ABSTRACT**

O artigo apresentado trata-se de um estudo sobre os aspectos do Ano da Fé, que foi proclamado sob a forma de *Motu Proprio*, pelo Papa Bento XVI. O trabalho faz uma ponte entre os aspectos salientados no *Annus Fidei* e os trabalhos desenvolvidos por Ratzinger ao longo dos seus 60 anos de magistério. Procurou-se, também apresentar algumas ideias, teorias e estudos do seu pensamento filosófico e teológico, sobretudo, acerca da fé. Utilizou-se de estudos bibliográficos, especialmente as obras de Joseph Ratzinger (Bento XVI), atendo-se especialmente, às questões levantadas pelo Pontífice, na sua Carta Apostólica com o qual ele proclamou o referido ano. A história de Ratzinger é um tesouro para a Igreja Católica e para o mundo, e por intermédio do ano da fé, o leitor poderá ter uma noção da grande sabedoria desse homem, que foi o sucessor do apóstolo Pedro e contribuiu de maneira incrível para retidão e salvação dos filhos de Deus.

*This study is about the aspects of the Year of Faith, proclaimed as a Motu Proprio by Pope Benedict XVI. The study connects the aspects highlighted on Annus Fidei with the work of Ratzinger during his 60 (sixty) years as a priest. The idea is also to present some thoughts, theories and studies of his philosophical and theological beliefs, especially about faith. It was used bibliographical studies, especially the works of Joseph Ratzinger (Benedict XVI), mainly the issues raised by him in Motu Proprio, with which he proclaimed the Year of Faith. The history of Ratzinger is a treasure to the Catholic Church and to the world, and through the year of faith the reader is going to have an idea of how great is this man's wisdom, man that was the successor of apostle Peter and contributed in an amazing way to the rectitude and salvation of the children of God.*

## PALAVRAS-CHAVE      **KEY WORDS**

fé  
Bento XVI  
Ano da Fé

*faith*  
*Benedict XVI*  
*Year of the Faith*

## 1 INTRODUÇÃO

A fé é um tema que sempre acompanhou a Igreja em sua peregrinação milenar. Na Bíblia é possível perceber alguns dados interessantes sobre como os homens responderam às manifestações de Deus. No Antigo Testamento, alguns personagens foram decisivos para colocar em ação uma relação bastante estreita com a divindade. Por exemplo, Noé construiu uma arca para salvar a humanidade (Gn 6,14-9,18), Abraão saiu de sua terra para ir morar em uma terra à qual sequer conhecia, e, segundo o livro do Gênesis, se tornou o “pai da fé” (Gn 12,4ss). Moisés saiu do seu esconderijo em Madian para dar início ao processo de libertação do povo de Deus (Ex 2,15ss). Os exemplos podem ser multiplicados em vários livros do Antigo Testamento, mas a definição mais contundente do termo fé será encontrada apenas na Carta aos Hebreus (11,1), que diz: “A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se veem”. E o autor da mesma carta diz: “Foi por causa da fé que os antigos foram aprovados por Deus” (Hb 11,2). Na esteira dessa experiência bíblica, a Igreja compilou o Catecismo no qual define a fé como uma adesão do ser humano a Deus, dando a ele o assentimento de sua vontade (CIC 142-184).

A ideia da proposição da celebração de um ano da fé não é algo novo na história recente da Igreja. Em 29 de junho de 1968, o Papa Paulo VI também lançou um ano da fé que, segundo ele, tinha por finalidade conservar o depósito da fé e relacioná-la com a vida daqueles anos que se sucederam à entrada em vigor do Concílio Vaticano II. O Papa Bento XVI lançou o ano da fé justamente para comemorar os 50 anos desse Concílio, que teve como mérito lançar a Igreja na dinâmica da solidariedade com o mundo atual.

O artigo que aqui se constrói versa sobre o tema *O Ano da fé: o tesouro de Bento XVI*. Trata-se de um dos últimos atos oficiais do Papa Bento XVI, antes de sua renúncia, no dia 11 de fevereiro de 2013. O artigo foi dividido em quatro tópicos. Primeiramente, será apresentada uma breve explicitação do que seja o ano da fé, pontuando algumas questões pertinentes ao tema, e já adiantando que o tema escolhido pelo Romano Pontífice remete diretamente ao plano de fundo da própria vida de Bento XVI, ou seja, à fé. O tópico seguinte será dedicado a entender o sentido da fé, procurando colocá-la no centro da vida com os seus

necessários desdobramentos. Quanto ao terceiro tópico, este terá como foco entender a fé como parte das virtudes teológicas e em sua relação com o amor, a caridade e a esperança. Na verdade, a fé vista a partir dessa perspectiva foi tema de três encíclicas de Bento XVI, a saber: *Deus é amor*, *Salvos na Esperança* e *A caridade na verdade*. O último tópico será dedicado à relação entre a fé e a razão, buscando preservar sempre a ideia do papa de que um necessariamente leva à outra. E, por fim, nas considerações finais, procurar-se-á realizar uma análise crítica do texto exposto, vislumbrando as admoestações de Bento XVI no sentido de a Igreja manter o depósito da fé nos tempos difíceis atuais.

## 2 O ANO DA FÉ

Bento XVI, em seu sétimo ano de pontificado, o penúltimo antes de sua renúncia, proclamou o *Ano da Fé*, para ter início em outubro de 2012 e término em outubro no ano subsequente.

Assim como para a Igreja da qual era o representante máximo, a fé sempre foi o pano de fundo na vida de Bento XVI e ele trabalhou exaustivamente em sua defesa. Antes de sua renúncia, retornou sempre de novo a ela, como se fosse a bússola de sua vida. Em um dos seus últimos atos como papa, deixou o ano da fé como um momento de reflexão para os católicos de todo o mundo.

Mas, afinal, quais as verdadeiras intenções que incidem sobre esse *Annus Fidei*? Estaria a fé em crise? Estaria a fé esquecida? Outra pergunta que poderia ser feita é esta: o que o Papa queria comunicar que ainda não tinha sido explicitado por ele próprio?

Uma releitura ainda que superficial da extensa bibliografia de Bento XVI certamente levará a uma única conclusão: o *Annus Fidei* é o resumo da própria história do Papa, em todas as suas dimensões. O *Motu Proprio* no qual prescreve as orientações para a celebração do ano da fé, no entanto, não pode ser confundido com uma ‘coletânea’ de temas referentes à fé, mas com um convite vivo e atual para abandonar-se a essa virtude teológica.

Destarte Bento XVI (2012, p. 5) faz um convite ao ser humano a redescobrir a fé:

Também o homem contemporâneo pode sentir de novo a necessidade de ir como a samaritana ao poço, para ouvir Jesus, que

convida a crer nele e a beber na sua fonte, donde jorra água viva. Assim é possível amadurecer sempre mais nesta fé, sustentada por mais de dois milênios e poder ter a certeza que essa fonte nunca esgotará.

Como é possível perceber, Bento XVI não fala da fé em termos parciais, ou seja, em termos católicos, como se poderia esperar de um representante máximo da Igreja Católica, mas fala do homem, capaz de Deus, e que pode encontrar nessa Igreja um depósito de fé que vem sendo preservado desde o início do cristianismo. Por outro lado, a fé é algo nunca se esgota. Para aqueles que vivem em comunhão com a Igreja Católica, sempre é possível viver uma fé viva e atual, em todos os seus aspectos. Não há campo em que a fé não possa adentrar. A fé ilumina a razão, enche de esperança o futuro, enche a vida com aquele sentimento de infinitude. Estes são aspectos sobre os quais Bento XVI se debruça para poder propor o ano da fé.

### **3 REDESCOBRIR O VERDADEIRO SENTIDO**

É notório que atualmente parece haver uma grande crise de fé. Não se fala mais nela nas escolas, nas famílias, nem entre os casais e amigos. Enfim, parece sempre um incômodo falar de fé. Consequentemente, a fé é rotulada, por assim dizer, como propriedade do indivíduo, que pode moldá-la de acordo com as suas necessidades, ou seja, é desfigurada na sua própria definição, cuja principal característica é a relação entre a divindade e o ser humano.

Bento XVI sempre defendeu que a fé vai além da simples subjetividade, não podendo se transformar em algo frívolo e totalmente informal. A fé também não pode ser rotulada como simples “crença em qualquer coisa”, e, principalmente, não pode ser pautada numa concepção baseada no livre arbítrio, pois a fé sempre exige responsabilidade.

Redescobrir o verdadeiro sentido da fé não é possuir o cerne da fé, mas é fazer parte desse cerne, é adentrar por esta porta (cf. At 14,27): “atravessar essa porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira” (BENTO XVI, 2012, p. 3).

Por essa percepção é possível perceber que a fé é, antes de tudo, uma experiência que o ser humano faz da divindade. Porém essa experiência não se dá sem o conhecimento, ou seja, a fé não se limita

somente a uma grande experiência mística, mas vai além, pois incide no comportamento diário da pessoa. Em outras palavras, a todo o instante a pessoa faz uma experiência de fé, inclusive quando se baseia no *stricto sensu* da razão. Para Bento XVI (1990),

A fé não é escolha de um programa que me convém ou o ingresso em um clube, no qual me sinto compreendido. A fé é conversão que muda minha pessoa e meus gostos ou pelo menos torna secundários meus gostos e minha vontade. A fé atinge uma profundidade inteiramente diversa daquela escolha que me liga a um partido. Sua força de mudança é tão grande que a Escritura a caracteriza como um novo nascimento.

Além de não ser uma simples adesão a uma fé da parte do indivíduo, é necessário que a pessoa se defina como ser humano e, por conseguinte, seja capaz de descobrir novos horizontes, não se limitando ao que pode ver e ter, mas criando laços de confiança, deixando-se guiar livremente por algo que está fora de si, mas que, ao mesmo tempo, é parte de si. É dentro dessa certeza que a vida alcança o seu sentido, e o ser humano não pode simplesmente desperdiçá-la, acreditando ser, por assim dizer, que tudo seja obra do acaso, seguindo apenas o ciclo da natureza, como o nascer, o crescer-reproduzir e morrer.

A fé impele a pessoa a desejar o infinito, a ansiar estar o mais próxima possível da divindade, mesmo sem saber o que pode acontecer. Assim, é um abandonar-se nas mãos da divindade, assim como fez Maria:

Pela fé Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus na obediência da sua dedicação (cfr. Lc 1,38). Ao visitar Isabel, elevou o seu cântico de louvor ao Altíssimo pelas maravilhas que realizava em quantos a Ele se confiavam (cfr. Lc 1,46-55). Com alegria e trepidação, deu à luz o seu filho unigênito, mantendo intacta a sua virgindade (cfr. Lc 2, 6-7). Confiando em José, seu Esposo, levou Jesus para o Egito a fim de O salvar da perseguição de Herodes (cfr. Mt 2, 13-15). Com a mesma fé, seguiu o Senhor na sua pregação e permaneceu ao seu lado mesmo no Gólgota (cfr. Jo 19, 25-27). Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus e, conservando no coração a memória de tudo (cfr. Lc 2, 19.51), transmitiu-a aos Doze reunidos com Ela no Cenáculo para receberem o Espírito Santo (cfr. At 1, 14; 2, 1-4). (BENTO XVI, 2012, p. 19).

Quando a Bíblia ensina que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, em certo sentido parece que a limitação humana ganha um valor indelével e inerente a todo ser humano. O transcendentalismo, então, incide em uma nova visão do mundo e do homem, mas, sobretudo, incide no comportamento do ser humano em relação à vida, ou seja, o ser humano sabe que cada vida está sob os cuidados da divindade e isso exige responsabilidades de todos. Não é mais possível viver de maneira egocêntrica. Pelo contrário, a descoberta da fé, por assim dizer, coloca a pessoa a caminho do outro, como verdadeiro irmão.

É possível crescer cada vez mais na verdadeira fé sustentada pela divindade, de maneira lúcida e altruísta sempre em busca de viver sob a verdade. É necessário, segundo a perspectiva de Bento XVI, um novo nascimento, que incida imprescindivelmente no verdadeiro eu, ou seja, uma fé que una os opostos dentro de cada um e, portanto, possa jorrar como uma fonte inesgotável para o corpo, a alma e o espírito.

#### **4 FÉ: AMOR, ESPERANÇA E CARIDADE**

Bento XVI recorda uma tríplice dimensão da fé, a saber: o amor, a esperança e a caridade. Estes foram propositalmente os temas de três de suas encíclicas: *Deus caritas est* (Deus é amor), *Spe salvi* (Salvos na esperança) e *Caritas in veritate* (A caridade na verdade).

A temática do amor é a que abre espaço para se entender as virtudes teológicas. A fé é o caminho que abre o ser humano para o amor, a caridade e a esperança. A primeira reflexão é sobre a fé como ato de amor. Este é o tema da primeira encíclica: *Deus Caritas Est*. Para Bento XVI, drama da história está marcado pelo confronto entre o amor e a incapacidade de amar:

A história é, no seu todo, uma luta entre o amor e a incapacidade de amar, entre o amor e a recusa do amor. É o que, atualmente, voltamos a viver, quando a independência do Homem é levada ao ponto de ele dizer: não quero amar, porque então me torno dependente, o que contraria a minha liberdade. Na realidade, o amor significa que se depende de alguma coisa que talvez me possa ser tirada e, por isso, traz um enorme risco de sofrimento para a minha vida. Daí vem a recusa pronunciada ou não pronunciada: prefiro não amar a ter de me expor constantemente a esse risco, a ser limitado na minha determinação de mim mesmo, a depender

do que não depende de mim e a poder, por isso, precipitar-me de repente no nada. A decisão que parte de Cristo é, contudo, outra: sim ao amor, porque só o amor, precisamente com o risco de sofrimento e de perda de si mesmo que envolve, leva o homem a si próprio e torna-o o que ele deve ser. (BENTO XVI, 1990, p. 223).

Bento XVI é contrário ao pensamento crescente de que a fé seja um ato privado, que não implica responsabilidades sociais e, em última instância, não impele a pessoa a obrigações naquilo em que acredita.

No que diz respeito à estrutura, Bento XVI diz que a pessoa vive porque acredita no amanhã, que o passado não volta, e o presente, inevitavelmente, não para de escorrer entre os dedos. O ser humano tem sede do infinito, deseja aquilo que o material não pode oferecer, ou seja, algo que transcende à sua capacidade humana, pois o coração humano deseja Deus.

A visão do que do que está reservado ao ser humano pode ser observada pela maneira como vive e sobre quais valores pauta a própria vida. Quando perde essa visão, o ser humano perde, então, o sentido da vida. E em câmbio do desespero pelo sentido, o ser humano se acomoda no tangível, no egoísmo da comodidade, que nada pode oferecer a não ser meras ilusões de uma vida segura e confortante, quando, na verdade, está construindo sua casa sobre a areia (Mt 7,26-27).

Na Carta Encíclica *Spe Salvi* Bento XVI alerta a humanidade sobre a desmoralização da paixão, ou seja, a transformação da cruz em símbolo do horror ao invés de ser um exemplo a ser seguido. Na verdade, atualmente parece inimaginável associar o caminho do sofrimento com a felicidade. Para Bento XVI, não é fugindo da cruz ou do sofrimento que se alcança o bem. Contra essa ilusão, ele diz que “Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor” (BENTO XVI, 2007, n. 37).

Ainda sobre essa questão, o cristianismo sofre um grande preconceito, que se foi instaurando aos poucos na sociedade. Bento XVI, no seu primeiro livro da trilogia *Jesus de Nazaré*, faz uma explanação do *Sermão da Montanha* compilado por Lucas, que após as bem-aventuranças apresenta quatro maldições: Ai de vós... (cf. Lc 6). Bento XVI assim as interpreta:

Em primeiro lugar devemos verificar que Jesus segue aqui o esquema que encontramos em Jeremias, capítulo 17, e no salmo 1: à descrição do caminho correto que conduz homem à salvação é contraposto um quadro que desmascara as falsas promessas e ofertas e que deve impedir o homem de percorrer o caminho que terminaria num precipício mortal. O mesmo havemos de encontrar na parábola do libertino rico e do Lázaro pobre. Quem compreendeu corretamente o itinerário da esperança, que encontramos nas bem-aventuranças, reconhece aqui simplesmente as atitudes contrárias, que fixam o homem nas aparências, na provisoriedade, na perda da sua elevação e profundidade e, assim, na perda de Deus, e, portanto, o pervertem. Deste modo se torna compreensível a autêntica intenção deste quadro de advertência: as maldições não são condenações; não são nenhuma expressão de ódio, inveja ou de hostilidade. Não se trata de condenação, mas sim de aviso que quer salvar.

Relata Bento XVI (2007) que Nietzsche fez uma crítica à moral cristã, para quem esta deveria ser desmascarada como pecado capital contra a vida. O texto do *Sermão da Montanha* ele compreende da seguinte maneira: “Qual foi sobre a terra até agora o maior pecado? Não foi a palavra daquele que disse ‘ai de vós os que aqui rides?’”. E então compreende a visão do *Sermão da Montanha* como uma religião de ressentimentos e como inveja dos covardes, pobres e incapazes de conseguir uma vida bem sucedida, e, por intermédio das bem-aventuranças, justificam sua situação e poderão se vingar dos homens que são felizes na vida. Em suma, para ele, Jesus estaria punindo quem saboreou a vida e procurou o céu na terra (BENTO XVI, 2007, p. 97).

Lançando um olhar nos dias atuais, nota-se que esse pensamento se instaurou definitivamente na sociedade. O capitalismo, oprimindo sempre mais os pobres e doentes, é um sistema no qual as pessoas acumulam riquezas incontáveis, enquanto milhares de outras não possuem nem o necessário para a própria sobrevivência. Então nos dia de hoje a “moral do cristianismo” tem sentido e faz a diferença no mundo. Para Bento XVI (2007, p. 97-98),

o Sermão da Montanha formula a questão acerca da opção fundamental cristã, e como filhos deste tempo sentimos a interior resistência contra esta opção – mesmo se, no entanto, nos toca a estima dos humildes, dos misericordiosos, dos construtores da paz, dos homens puros. Depois das experiências dos regimes

totalitários, depois do modo brutal como pisaram nos homens, escarneceram, escravizaram, esmagaram os fracos, compreendemos melhor os que têm sede de justiça; descobrimos de novo os que choram e o seu direito à consolação. Perante o abuso do poder econômico, perante a crueldade de um capitalismo que degrada o homem a simples mercadoria, descobrimos também os perigos da riqueza e compreendemos o que Jesus queria dizer com o aviso acerca da riqueza, acerca do ídolo Mamom que estraga o homem, que mantém grande parte do mundo na sua cruel corda de estrangulamento. Sim, as bem-aventuranças opõem-se ao nosso espontâneo sentimento de ser, à nossa fome e sede de viver. Elas exigem “conversão” – uma mudança interior da direção espontânea, para qual gostaríamos de ir. Mas nesta mudança se manifesta o que é puro e mais elevado, o nosso ser ordena-se corretamente.

Portanto, o *Ano da Fé* também é um convite a uma nova esperança, a animar o ser humano em tempos de tribulação. Mesmo quando a barca parece se perder na tempestade, aquele que caminha sobre as águas estenderá a mão e salvará (Mt 8,23-27). A todos os que estiverem na barca ou não.

Outro tema caro ao Papa Bento XVI é o da caridade. Em 2009, ele trouxe a público a sua última encíclica: *Caritas in veritate* (A caridade na verdade). Nela convidava a Igreja a intensificar a caridade, sobretudo com a verdade, evitando, assim, transformar a caridade em mero sentimentalismo.

Para Bento XVI, a fé impele a pessoa sair constantemente de si mesma e se pôr a caminho do outro, pois por si só o ser humano não pode alimentar a fé. O ser humano necessita do outro, e a Igreja, desde sempre, tem apresentado exemplos vivos de uma fé caridosa: São Francisco De Assis, Madre Teresa de Calcutá, entre tantos outros santos. Bento XVI (2012, p. 21) recorda as palavras da carta de Tiago:

“De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: ‘Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta. Mais ainda! Poderá alguém alegar sensatamente: ‘Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me então a tua fé sem obras, que eu, pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé’” (Tg 2,14-18).

A fé que não dá testemunho da caridade é como a árvore má que não pode dar frutos (cf. Mt 7,18), ou seja, “desaba, sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente, de tal modo que uma consente à outra realizar o seu caminho” (BENTO XVI, 2012, p. 22). Contudo a fé sempre reclamará este “tríplice múnus”: Amor, Esperança e Caridade. E o ano da fé é um convite a que, assim como Maria de Nazaré, como ninguém viveu exemplarmente a fé, a humanidade dê um salto de qualidade na vivência do amor, da esperança e da caridade.

## 5 FÉ E RAZÃO

A fé sempre foi um ponto de partida na vida de Bento XVI. No entanto ele sempre teve um fascínio pela ciência, pela filosofia e, principalmente, pela teologia. Nisso, ele foi muito influenciado por grandes nomes da filosofia, como Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e São Boaventura. A vivência da fé é que o levou a enfrentar o “suposto” conflito entre fé e ciência, procurando encontrar um ponto de união entre as duas.

Na verdade sempre existiu uma linha tênue entre Fé e Razão. O próprio Bento XVI sempre procurou estabelecer um diálogo aberto com a razão, porque julga necessária a sua comunhão com a fé e vice-versa. Atualmente essa tenuidade encontra-se em uma crise profunda, porque a crise da verdade consolida a ideia de que cada uma segue a sua estrada separadamente, ou seja, a indiferença pela verdade acarreta a omissão do ser humano em relação à vida, principalmente a do outro. Não se levantam mais as questões da contradição interna.

Na contemporaneidade, o laicismo tenta aniquilar as religiões, buscando reduzi-las cada vez mais a um mero sistema de crença, isolado da sociedade. Bento XVI insiste na necessidade de se falar de Deus como presença real em todas as dimensões da vida. Em um debate com o filósofo ateu Paolo Flores d’Acais a respeito do tema *se Deus Existe*, ambos foram questionados sobre essa ânsia de se falar da existência de Deus, partindo de critérios tão distantes. Por seu turno, Bento XVI (2000, p. 27) assegura que a existência de Deus

[...] nasce do fato de que nós, os crentes, acreditamos que temos algo a dizer ao mundo, aos outros, que a questão de Deus não é uma questão privada, entre nós, de um clube que tem seus interesses e

faz seu jogo. Pelo contrário, estamos convencidos de que o homem precisa conhecer a Deus, estamos convencidos de que em Jesus surgiu a verdade, e a verdade não é propriedade privada de alguém; deve ser compartilhada, deve ser conhecida. E, por isso, estamos convencidos de que justamente neste momento da história, de crise da religiosidade, neste momento de crise inclusive das grandes culturas, é importante que nós não vivamos só no interior de nossas certezas e de nossas identidades, mas que os exponhamos realmente às perguntas dos outros. E com essa disponibilidade e essa franqueza, no encontro recíproco, tentamos explicar tudo o que a nós parece razoável, e mais ainda, necessário para o homem.

Seguindo esse raciocínio, é possível dizer que a renúncia da verdade, para se prender naquilo que é palpável e cômodo, nada mais é do que uma fuga de si mesmo.

Importante compreender que, mesmo estando entrelaçada com a razão, “A fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem” (cfr. Hb 11,1). Na realidade Bento XVI não pretende desmoralizar a razão em nome da fé, mas convida o cristão a uma fé que também seja visitada pela razão, que confie na razão, que vislumbre a ação de Deus na razão. Para Bento XVI (2012),

o conhecimento de Deus é, antes de tudo, experiência de fé; mas não sem a razão. Deus não é absurdo; embora seja sempre um mistério. O mistério não é irracional, mas superabundância de significado: Se a razão vê escuro ao fixar o mistério, não é por falta de luz, mas porque há demais. A fé católica é sensata e razoável e tem confiança na razão.

O texto supracitado ensina pelo menos três observações importantes. Em primeiro lugar, que a fé, apesar de sobrenatural, não se desvincula, por assim dizer, da razão. Em segundo lugar, que Deus é mistério, não por falta de sentido, mas, por ser superabundância de sentido, nunca poderá ser explicado apenas pela razão. E, por fim que, no encontro com Deus, a fé antecede a razão, mas não a elimina, isto é, “antes de poder falar de Deus e com Deus, é preciso ouvi-lo” (BENTO XVI, 2012).

O drama da modernidade não consiste na controvérsia entre fé e razão, mas na renúncia dos dois e, conseqüentemente, no abandono de si mesmo.

O homem moderno procura condensar a realidade naquilo que é palpável e cômodo. Assim, torna-se vítima daquilo que pode possuir e

busca incessantemente a sua justificação na finitude, ou seja, refreia o desejo do infinito, que lhe é ínsito e, conseqüentemente, não somente elimina o campo da fé de sua vida, mas, sobretudo, também ignora a razão e torna-se presa fácil dos sistemas políticos e econômicos.

Na visão de Bento XVI, uma das problemáticas do homem moderno não é só o mal-estar relativamente à fé, mas também um mal-estar relativamente ao mundo dominado pela ciência. Ou seja, ele acredita que, quando esse duplo mal-estar for prescrito, o mundo poderá contemplar uma descrição mais exata dos pressupostos da fé e da razão. Acerca do homem moderno, salienta Bento XVI que:

Uma vasta literatura do absurdo deixa transparecer com clareza a crise do conceito de realidade em que hoje vivemos. A verdade, o próprio real subtrai-se ao homem e ele parece (para citar o título de uma obra de Günter Grass) submetido a anestesia local, sendo capaz de perceber apenas farrapos deformados do real; o homem sente-se totalmente inseguro em todos os lugares em que a ciência exata o abandona, e é pela medida e só pela medida desse seu ser abandonado que compreende quão exígua é, apesar de tudo a secção da realidade na qual a ciência lhe proporciona certeza. (RATZINGER, 1969, p. 24-25).

Ademais, não se pode confundir a fé com um sistema de crença, pois esta não está baseada em valores subjetivos.

Bento XVI lamenta o fato de se ter propagado no mundo a ideia de que a fé nada mais é do que um livre ‘sistema’ de crenças. Quando assim se crê o livre arbítrio que não pode incidir em responsabilidades sociais ou interferir na história da vida humana, pois, do contrário, iria contra a liberdade religiosa ou até mesmo, em alguns países, infringiria o *status* laical do estado e, por conseguinte, torna-se mais árduo conciliá-la com a razão. A fé não é apenas um sistema de conhecimentos, mas

o encontro do tu que me sustenta e me dá a promessa de um amor indestrutível, apesar de toda a insatisfação e da incapacidade última para satisfazer do encontro humano; na fé não nos limitamos a aspirar à eternidade – ela é-nos realmente concedida. [...] Desta maneira, a fé, a confiança e o amor são, em última análise, uma só coisa, e todos os conteúdos que a fé envolve são nada mais, nada menos do que concretizações da reviravolta que constitui a base de tudo, ou seja, do “Creio em Ti”, da descoberta de Deus na face do homem que é Jesus de Nazaré. (RATZINGER, 1969, p. 30-31)

A fé é, portanto, um caminho objetivo, sustentado por valores absolutos e com uma abertura para o transcendente. Caso contrário, se vista pela ótica da subjetividade, não traria a liberdade ao homem, pois ele continuaria preso à materialidade, ao relativismo e, portanto, a uma vida que não aspira ao infinito.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse mergulho rápido na filosofia e na teologia de Bento XVI, é possível concluir em primeiro lugar que o *Ano da Fé* representa a própria trajetória do sucessor de João Paulo II. É impossível dizer se a ideia da renúncia já batia à sua porta, mas, de qualquer maneira, não se pode negar que ele foi guiado pelo desejo de tratar de maneira mais profunda sobre um assunto urgente nos dias atuais: a crise de fé!

Em segundo lugar, o *Ano da Fé* é um convite aos cristãos comprometidos a viverem na verdade, aos cristãos comprometidos com a Igreja. Não é um convite aos que deixaram a Igreja Católica a retornar, mas a busca de uma fé madura, uma Igreja que não flerte com a política e tampouco se preocupe com a quantidade, mas com a qualidade do seu rebanho.

Outrossim, pode-se concluir que o verdadeiro desejo de Bento XVI seja que os cristãos sejam santos, que tenham uma vida santa, que busquem com amor a cruz de Jesus, característica própria dos santos e mártires, que tenham sede de Deus, pois sua fonte é inesgotável, e que não se cansem de crescer na fé.

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *A porta da fé*. São Paulo: Paulus, 2012.

CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, 2012.

RATZINGER, Joseph. *Fé e futuro*. Portugal: Princípia, 1969.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. *Deus Existe?* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. *O sal da terra*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTA SÉ. Disponível em: <[http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm)>. Acesso em: jun. 2013.